

EM BREVE
UM FILME DA
HBO



GRIADORES DE
HOW I MET YOUR MOTHER

**JENNI HENDRIKS
& TED CAPLAN**



DES- GRÁVIDA

UNPREGNANT

QUANDO A VIDA INTEIRA
CABE EM UM ÚNICO DIA



**JENNI HENDRIKS
& TED CAPLAN**

**DES-
GRÁVIDA
UNPREGNANT**

TRADUÇÃO: CARLOS SZLAK



COPYRIGHT © UNPREGNANT, 2019 BY JENNIFER HENDRIKS AND TED CAPLAN
COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2020

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer
meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**
Coordenação editorial **CARLA SACRATO**
Preparação **CÉLIA REGINA**
Revisão **BÁRBARA PARENTE**
Capa e diagramação **OSMANE GARCIA FILHO**
Imagem de capa **BIELOUS NATALIIA | SHUTTERSTOCK**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Caplan, Ted
Desgrávida / Ted Caplan e Jenni Hendricks ; tradução
de Carlos Szlak. – São Paulo : Faro Editorial, 2020.
256 p.

ISBN 978-65-86041-05-7
Título original: Unpregnant

1. Ficção norte-americana I. Título II. Hendricks, Jenni
III. Szlak, Carlos

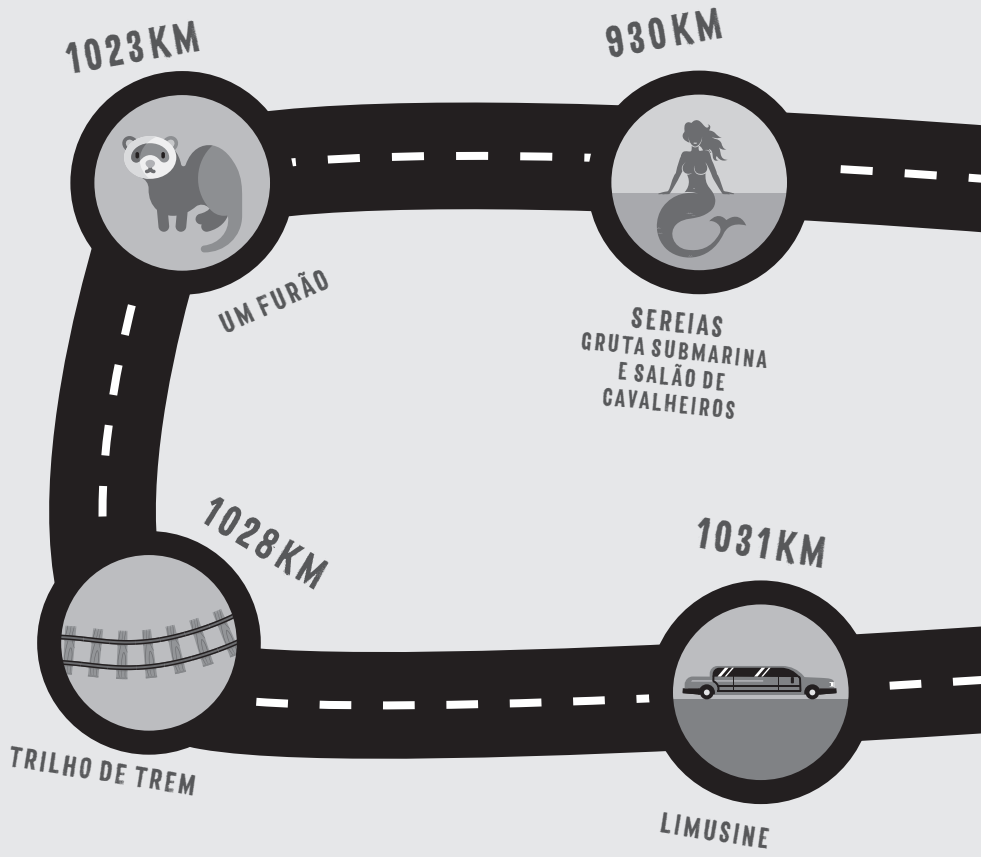
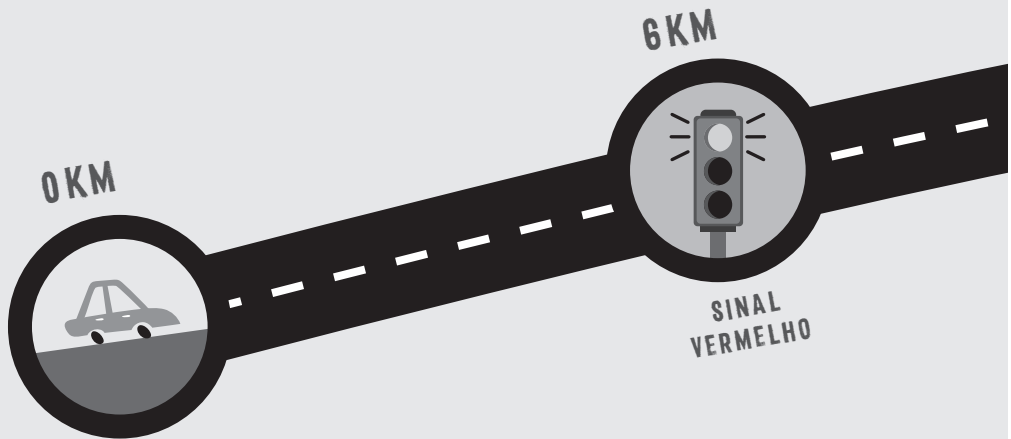
20-1049 CDD 813.6

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção norte-americana 813.6



1ª edição brasileira: 2020
Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,
adquiridos por FARO EDITORIAL

Avenida Andrômeda, 885 - Sala 310
Alphaville — Barueri — SP — Brasil
CEP: 06473-073
www.faroeditorial.com.br



51KM



CASA DE
PENHORES

228KM



ESTÁTUAS DE
VACA E ELEFANTE

928KM



REBANHO
DE VAGAS

926KM



RESTAURANTE

1600KM



CLÍNICA

3238KM



LAR



0 Km

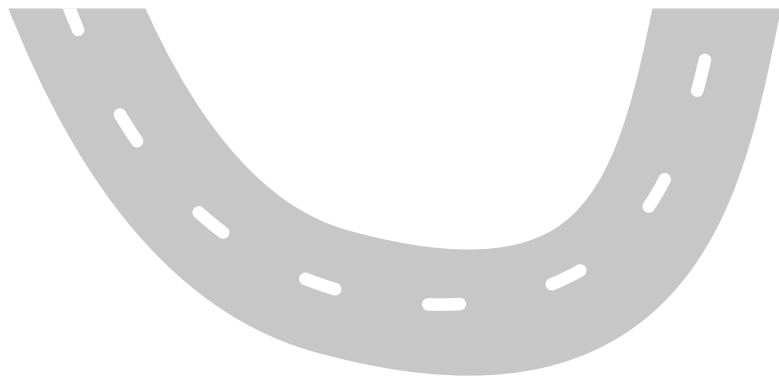
Na terceira cabine do banheiro feminino, sentada no assento gelado do vaso sanitário, apertei desesperadamente minhas coxas e me concentrei em não fazer xixi.

— Ronnie, você acabou? Desse jeito, vamos ter que pedir autorização para assistir à primeira aula — Emily disse. Não, eu não tinha terminado. E uma autorização para entrar na aula depois do sinal era a menor das minhas preocupações.

— Ah, vá na frente. Tô com aquele problema, sabe? — disse, mas não era o do tipo mensal.

Rezei para Emily ir embora o mais rápido possível. Com certeza, aquele segundo copo de suco de laranja com goiaba de manhã fora um erro. Finalmente, Emily abriu a porta para sair. A acústica do banheiro ecoou os passos de todo mundo correndo para as salas de aula. Em seguida, silêncio. Permaneci paralisada, esforçando-me para ouvir o menor som de uma aluna, ou, pior, de uma professora se aproximando. Mas ouvia apenas os pingos ocasionais de uma torneira mal fechada. Todo mundo estava nas salas de aula. Suspirei de alívio. E quase fiz xixi.

Era hora de descobrir se o meu pesadelo tinha acabado ou se estava apenas começando. Lentamente, abri o zíper do bolso da frente da mochila e me encolhi de medo quando o som ecoou nas paredes de azulejos. Ainda que estivesse sozinha, não conseguia me livrar da sensação de que alguém saberia o que eu estava prestes a fazer. Enfiei a mão no fundo na mochila, senti as canetas e os lápis espalhados e encontrei o que tinha escondido.



1 Km

Meus pais acenaram para mim da varanda da frente. Enquanto isso, coloquei minha bolsa de pano no porta-malas e embarquei na minivan de Jocelyn. Joguei minha mochila no assoalho do carro e me sentei. Todas as garotas estavam usando camisetas verde-neon iguais.

— Vejam! — Emily gritou. — Eu as aprontei para o nosso último fim de semana — completou. Nelas estava escrito: “Fim de semana dos exames finais de 2020: a última ralação”.

Vesti a minha camiseta sobre a regata sentindo uma pontada de culpa por perder o nosso último fim de semana de ralação. Porém, logo na sequência, experimentei um surto de raiva. Não era justo. Milhões de adolescentes transam e não engravidam. Segui todas as regras. Tomei todas as precauções. Então, por que acabei punida?

A faculdade começaria dentro de poucos meses. Assim que Kevin e eu estivéssemos em cantos diferentes do país, as chances de nos distanciarmos seriam grandes. Quando seria a próxima vez que estaríamos juntos?

Não tinha ilusões. Nós dois conheceríamos novas pessoas. Teríamos interesses distintos. Aquela poderia ser a nossa última vez juntos. E, naquele momento, em vez de coroar meu último ano do colégio com um fim de semana glorioso com minhas melhores amigas, eu ia estar... De novo, minha mente se esquivou do que iria realmente acontecer.

Pela primeira vez desde que descobri a gravidez, minhas emoções subjugaram o pânico que agitava meu estômago e senti lágrimas em meus olhos.

Contendo-as, assegurei-me de que minha expressão era radiante enquanto retribuía os acenos dos meus pais.

— Estude bastante! — meu pai pediu.

— Não deixe de enviar uma mensagem quando você chegar lá! — minha mãe acrescentou.

Kaylee se debruçou na janela do passageiro.

— Sra. Clarke, o sinal do celular não é muito bom na cabana — ela disse em um tom de desculpa aflita.

Por um momento, a expressão de minha mãe vacilou, mas, logo em seguida, ela se recuperou.

— Bem, não custa tentar, Veronica.

— O.k., mãe. Eu te amo — disse e fechei a porta da minivan. Jocelyn deu a partida e pôs o carro em movimento. Enquanto ela acelerava até o limite de velocidade exato, ainda consegui ouvir a voz de minha mãe.

— Nós confiamos em você!

Era sua fala favorita, e ela a usava desde que eu tinha seis anos para garantir minha máxima culpa. A mulher era boa mesmo.

Assim que viramos a esquina, Jocelyn me olhou pelo espelho retrovisor.

— Então, onde você vai ficar?

— No Le Bistro — murmurei.

Imediatamente, o carro se encheu de gritos estridentes. O Le Bistro era o restaurante mais chique da cidade. Meus pais só iam ali no aniversário deles. Era o tipo de lugar onde, se você fosse ao banheiro, um garçom tornaria a dobrar seu guardanapo recolocando-o em sua mesa. Um lugar onde todo o cardápio era escrito em francês, pois se partia do princípio de que você sabia como pronunciar *haricot vert*. Também era o tipo de lugar que eu imaginava que fosse bastante silencioso. Então, *não* era exatamente o lugar mais adequado para ter uma discussão sobre o estado ocupado do meu útero. Mas eu não havia encontrado o momento certo para conversar com Kevin durante toda a semana e, naquele momento, o prazo tinha se esgotado.

— Ah, você não vai usar isso, vai? — Emily perguntou, olhando com desconfiança para minha camiseta e o meu jeans.

Impaciente, Kaylee olhou em volta.

— Ela não podia sair de casa vestida para namorar, podia? — disse, e então virou-se para mim. — Vamos ver o que você tem.



6 Km

Paramos em um sinal vermelho. Bailey tinha ligado o som e posto para tocar uma música pesada. O El Camino tremia e ela acompanhava a música aos berros. Eu afundei o máximo que pude no assento. Na nossa frente apareceu a saída para a rodovia, com as faixas de rolamento desaparecendo rapidamente na distância. Em um momento, começaríamos a atravessar o estado a toda velocidade, anônimas e seguras.

— Podemos ser um pouco mais discretas? — perguntei.

Em resposta, Bailey aumentou o volume.

— Incrível. Obrigada — disse.

Olhei por sobre a borda da janela. Pelo menos não havia outros carros parados no sinal. Havia um restaurante na esquina, mas parecia quase vazio. Havia apenas um cliente sentado em uma mesa, comendo com desânimo uma banana split. Ele parecia infeliz. Parecia Kevin.

Era Kevin.

— Desligue a música! Desligue a música!

Estendi a mão para desligar o som, mas Bailey a afastou.

— Sem chance. Está prestes a fazer efeito.

— Desligue um pouco — pedi, mas já era tarde demais. Sem sequer precisar olhar, senti os olhos de Kevin em mim. Temendo ser vista, eu me virei. Kevin não tirava os olhos do El Camino, com a colher paralisada a meio caminho de sua boca, perplexo. O sorvete gotejou lentamente da colher, de volta para a tigela. Consegui ver os lábios dele formando meu nome.

— Acelera — implorei.

— Relaxa, grávida. Não posso acelerar. O sinal está vermelho.
— Agora, de repente, você virou a senhorita *Lei e Ordem*? — perguntei.
No interior do restaurante, vi Kevin soltar a colher, abandonar o sorvete e ficar de pé.

— Não vou passar o sinal vermelho. Pode ter um policial por perto.
Kevin saiu do restaurante.

— É o Kevin. Ele está vindo para cá!

Bailey se virou para olhar. Ele estava correndo em nossa direção.

— Cara, esse babaca corre rápido.

Freneticamente, tranquei todas as portas.

— Ele não sabe que estou grávida — menti.

Então, Bailey olhou para mim.

— Chocante!

Quando Kevin se aproximou o suficiente, gritou:

— Veronica, o que você está fazendo?

Em seguida, ao ver quem estava dirigindo, ele disse:

— É... Bailey Butler?

Kevin se deteve, totalmente confuso, tentando montar o quebra-cabeça que envolvia Bailey, um El Camino, uma via de acesso para a rodovia e eu.

O sinal abriu.

— Está verde. Acelera!

Bailey pisou fundo no acelerador e a picape arrancou cantando os pneus. Pelo espelho retrovisor externo consegui ver um atônito Kevin diminuindo de tamanho.

Ao passarmos sob a placa que dizia “RODOVIA FEDERAL 63 SUL”, meu celular apitou.

Kevin: *Onde você está indo?*

Com os dedos trêmulos, apaguei o texto. Em seguida, sob o olhar de Bailey, bloqueei o número dele.

— Deixe-me adivinhar. Você acha que ele vai dispensar você se descobrir?

— Sim. Idiota, não é?

— Não tão idiota quanto namorá-lo.

— Você só odeia Kevin porque ele é um cara popular.

— Você está delirando.

— Não estou delirando. Kevin realmente me ama. Durante um mês, ele me convidou para sair todos os dias, antes de eu dizer sim. Escreveu bilhetes engraçadinhos. Certa noite, ficou do lado de fora da janela do meu quarto.

— O nome disso é perseguição.

— Era romântico! — disse, sem saber por que eu estava defendendo Kevin. Afinal de contas, ainda queria mergulhá-lo numa fritadeira. Contudo, suspeitava que tivesse algo a ver com o olhar presunçoso de Bailey.

— Você diz: “Romeu”; eu digo: “medida cautelar de afastamento”.

— Ele é dedicado a mim.

— Como um perseguidor.

— Ele não é um perseguidor.

— Os estudos dizem: perseguidor!

— Tanto faz — disse. Em seguida, cruzei os braços e suspirei. — É que ninguém nunca me quis assim antes, sabe?

— Não, não sei — ela respondeu.

Não fui capaz de decifrar a expressão facial que tomou conta de Bailey antes de ela recuperar a de indiferença. Por um momento ficamos em silêncio, mas, como de costume, Bailey não podia deixar o assunto morrer.

— Ele realmente parecia que queria falar com você lá atrás — ela disse.

Não podia contar a verdade a Bailey. Era muito humilhante. Que idiota se apaixonaria por um cara capaz de fazer algo como o que ele fez comigo? E, supostamente, eu não era uma idiota. Provavelmente, era a garota mais inteligente da escola, agora que Hannah estava fora do caminho. Então, o que aquilo dizia a meu respeito? Além disso, não havia maneira de ficar ouvindo durante 1.600 quilômetros coisas do tipo “eu bem que te avisei” por parte de Bailey.

Ela pareceu cética.

— Há algo que você não está me contando?

— Olha, estou te pagando para me levar até Albuquerque e não para me interrogar, o.k.?

— Nervosinha, nervosinha. Tudo bem. Tanto faz. Vamos nos ater aos negócios. Onde vamos penhorar o anel?

— Ah, acho que em Albuquerque.

— Não, não. De jeito nenhum. E se o vovô era pão-duro e conseguiu isso em uma máquina de chicletes? Não vou esperar chegar ao Novo México para descobrir se vou ser paga. Não é assim que essa coisa de motorista funciona.

— Você não é minha motorista — resmunguei.

— Sim, madame. Como quiser, madame.

O sotaque britânico de Bailey era terrível. Peguei meu celular e comecei a pesquisar.

— Você terá que esperar até Jefferson City.



51 Km

Eu já tinha estado naquela cidade com meus pais, mas nunca naquele bairro. Os postes de luz eram poucos e distantes um do outro. Passamos por uma loja de materiais hidráulicos e por um estacionamento antes de chegar a um pequeno centro comercial. Havia uma firma de empréstimo de curto prazo, uma lavanderia e um restaurante chinês, todos fechados. A casa de penhores ficava em um prédio branco encardido com um telhado azul. Atrás da grande janela suja, viam-se algumas pinturas desbotadas, violões empoeirados e uma cadeira de balanço com uma placa pintada à mão apoiada em sua almofada; prometia preços justos. O estacionamento estava vazio. Bailey encostou a picape em uma vaga perto da entrada do estabelecimento.

— Já estive em uma dessas casas de penhores antes? — perguntei.

— Ah, sim, até tenho cartão de fidelidade — Bailey respondeu, olhando em volta.

— Não fique na defensiva. É só uma pergunta. Quer dizer, apenas pensei... As pessoas falam... — Eu vi que os olhos de Bailey congelaram.

— O quê? O que falam a meu respeito, Veronica? — Bailey perguntou, me desafiando.

Fiquei vermelha.

— Não importa — respondi e saí do carro.

Bailey resmungou algo baixinho e me seguiu.

Ao nos aproximarmos da entrada, fomos banhadas pelo brilho vermelho-alaranjado da placa “Aberto”. Tentei abrir a porta. Estava trancada. Confusa,

voltei a tentar a maçaneta. Sacolejou, mas não virou. Comecei a entrar em pânico. Se não conseguisse penhorar o anel, ficaria sem o procedimento. E se tivéssemos que zanzar por toda parte antes de encontrar um lugar que estivesse aberto? E se as casas de penhores não abrissem à noite? E se tivéssemos que esperar amanhecer? Nunca chegaríamos ao Novo México a tempo. Puxei com mais força a maçaneta.

— Não está abrindo. Por que está fechada? — disse, constrangida por causa das lágrimas que brotaram em meus olhos.

— Ivy League, hein?

Confusa, pisquei para Bailey.

Ela apontou com o indicador uma plaquinha escrita à mão que dizia: *Para entrar, por favor, use a campainha.*

— Os candidatos devem ser bem fraquinhos este ano.

Naquele momento, ainda mais constrangida, apertei o botão da campainha e esperei. Depois de um instante, houve um zumbido de resposta e a porta se abriu.

— Tenha a bondade — Bailey disse, gesticulando para eu entrar na frente.

Do chão ao teto, a loja estava abarrotada com restos. Violões, baterias, armas - muitas armas. Tudo tinha um cheiro fraco de poeira e perfume barato. A origem do cheiro do perfume logo ficou clara. Uma mulher de sessenta anos com o cabelo tingido de cor cenoura, sombra de olhos verde-limão e uma camiseta extragrande com a estampa de um flamingo estava atrás de um balcão de vidro, folheando uma revista.

— Sim? — ela perguntou, sem se incomodar de tirar os olhos de um artigo sobre dieta detox.

— Eu, ah, tenho algo para penhorar — disse, tirando o anel do dedo. — Isso.

A mulher suspirou, dobrou com cuidado a página antes de fechar a revista e, finalmente, levantou os olhos. Deu uma olhada no anel espremido entre os meus dedos.

— Bem, não consigo vê-lo aí. Coloque sobre o balcão, garota.

Para me tranquilizar, olhei de relance para Bailey, mas ela tinha se afastado para brincar com uma guitarra elétrica azul-clara, conectando-a a um amplificador. Arrastei-me para a frente e coloquei o anel sobre o vidro.



117 Km

Dirigindo, Bailey se abanava com um maço de notas.

— É assim que Beyoncé deve se sentir!

Pela enésima vez, virei-me para trás para ver se Kevin não estava nos seguindo. Os centros comerciais tinham dado lugar a uma densa sequência de vegetação, quebrada apenas por postes telefônicos e ocasionais *outdoors*. A rodovia de quatro pistas se estendia suavemente para cima e para baixo. A única coisa claramente visível era o trecho de asfalto iluminado pelos faróis do nosso carro.

— Ainda não vejo ele.

— Relaxa, Veronica. Não tem como aquele maluco estar na nossa cola. Você viu a cara dele quando a mulher apontou a escopeta? Nesse momento, ele deve estar procurando um lugar para comprar uma calça nova.

— Gostaria de ter tirado uma foto — disse, dando risadinhas.

— Não se preocupe. Eu tirei — Bailey afirmou e me jogou seu celular. Na foto, Kevin me encarava, com os olhos arregalados e a boca aberta, parecendo deliciosamente estúpido.

— Isso é incrível! — gritei. — Bailey, você é a melhor.

Tentei cumprimentá-la, mas Bailey me deixou com o braço suspenso no ar com a mão espalmada. Recolhi o braço, sentindo-me estranha.

— Desculpe, eu menti para você sobre tudo — murmurei.

— Por favor, você achou que eu estava nessa por causa daquela história?

— Ainda assim, deveria ter contado a você.

— Vou perdoá-la sob uma condição. Diga: “Bailey, você tinha razão. Kevin é um bundão”.

— Ele não é...

— Preciso lembrá-la de uma certa camisinha furada?

Suspirei. Eu sabia que Kevin era horrível, mas admitir isso significava que eu tinha cometido um erro ao escolhê-lo. Que eu tinha falhado. Por outro lado, Bailey ficaria ainda mais irritante se eu recusasse sua condição. Seria mais fácil dizer aquilo e acabar logo com a história.

— Bailey, você tinha razão. Kevin é um bundão.

— Mais alto.

— Sério?

— Mais alto. Quero que o mundo inteiro ouça isso. Abaixei o vidro e ponha a cabeça para fora.

Obedeci.

— É para gritar mesmo — Bailey acrescentou.

Debrucei-me na janela do passageiro.

Senti o cabelo ser açoitado pelo vento e os olhos lacrimejarem.

— BAILEY TEM RAZÃO! KEVIN É UM BUNDÃO! — gritei na noite.

Quando voltei a me acomodar no assento, ofegante, com o cabelo emaranhado, fiquei surpresa ao perceber que ela tinha um sorriso largo no rosto.

— Viu, foi muito difícil?

— Foi ótimo. Vou gritar de novo — respondi e voltei a me debruçar na janela. — KEVIN É UM MALDITO BUNDÃO!

O vento arrancou as palavras de minha boca.

— BROCHA! CUZÃO! SAFADO! — prossegui.

— Uau! Sim! Essa é a minha garota. Espera aí. Tenho uma — Bailey disse, abaixou o vidro e se debruçou nele.

A picape guinou de um lado para o outro enquanto ela tentava dirigir com apenas uma mão ao volante.

— BABACA!

Ri e gritei pela janela:

— MIJÃO!

— ESCROTO! CANALHA!

— CAGÃO!

— CAGÃO... O FILME!

Tomávamos fôlego entre gargalhadas.



228 Km

— Não vai rolar — disse, cruzando os braços. — Dê a partida.

— Droga, não! Já passei por esse lugar centenas de vezes com a minha mãe. Sempre quis parar. Dissemos que iríamos comemorar. O que poderia ser mais perfeito do que isso?

O carro estava parado em frente a duas estátuas gigantes de fibra de vidro. Com quase quatro metros de altura, pelo menos, as estátuas ficavam sobre um chão de cascalho atrás de uma cerca de arame enferrujado. Uma era um elefante rosa; a outra, uma vaca preta e branca. Ao redor delas, uma área de relva alta que ondulava suavemente na brisa noturna. Uma placa dizia: “O maior elefante e a terceira maior vaca do estado!”.

— Tudo bem. Já comemoramos. Podemos voltar para a estrada?

— Relaxe. Vamos voltar para a estrada depois de escalarmos as estátuas.

Pigarreei e tentei empregar um tom de voz sereno e razoável, como imaginei que negociadores de casos com reféns fizessem.

— Não sei se você percebeu, mas está fechado. Os animais estão atrás de um portão trancado. Há uma placa informando claramente o horário de funcionamento. Estamos totalmente fora dele.

— Fala sério! Pense na vista que vamos ter lá em cima.

— Estamos no meio da noite, Bailey. Não há nada para ver.

— E as estrelas? — Bailey exclamou.

Fiz um gesto negativo com a cabeça.

— Nem sequer faz sentido. Por que um elefante está ao lado de uma vaca? Se fosse um elefante e um leão, tudo bem. Uma vaca e um porco, eu entendo. Mas por que um elefante e uma vaca?

— Essa é a questão — Bailey disse, gesticulando loucamente e com os olhos brilhando de excitação. — Não faz sentido. Por isso que é tão incrível. Agora vamos. Vou ficar com o elefante — prosseguiu, soltando o cinto de segurança e abrindo a porta do carro.

— Não! — disse, agarrando seu braço quando ela tentou desembarcar.

— O quê?

— É invasão de propriedade, Bailey. Não posso ser presa. Preciso chegar a Albuquerque, lembra? — disse.

Por um instante, achei que Bailey entregaria os pontos. Então, ela deu de ombros.

— Então, não vamos fazer barulho — ela afirmou e, com um movimento brusco, soltou-se de mim e fechou a porta.

Fiquei sentada em meu lugar, paralisada. Deveria segui-la? Jogá-la no chão e arrastá-la de volta para o carro? Deveria ligar o motor e partir, deixando-a para trás? O último pensamento foi tentador.

Bailey lançava rajadas de cascalho no ar enquanto atravessava o estacionamento rumo à cerca de arame que protegia a atração na margem da estrada. Ela parou quando chegou ao portão. Por um momento, achei que Bailey tinha mudado de ideia, mas ela só fez uma pausa para tirar a jaqueta. Depois de jogá-la no chão, começou a escalar a cerca.

Não podia deixá-la fazer aquilo. Se ela fosse pega, estragaria tudo.

Abri minha porta, saí do carro e corri até a cerca.

— Bailey! Desça já daí!

Não ousei gritar, então minhas palavras saíram mais como um sussurro enfático.

— Tô na boa! — ela disse, alegremente.

Depois de alcançar a parte superior da cerca, ela pulou para o chão. A cerca chacoalhou ruidosamente.

Estando fora do carro, consegui apreciar realmente a escala das estátuas dos animais. Elas se elevavam sobre nós, pairando como dois navios de cruzeiro sobre um mar de relva. Não vi nenhum degrau ou escada. Então, não sabia como Bailey planejava fazer sua escalada.

Alguns momentos depois, tudo ficou claro quando ela começou a subir pela tromba do elefante. Agarrada à tromba, parecendo uma espécie de Homem-Aranha enlouquecido, Bailey passou a fazer sua escalada. Queria

desviar o olhar desesperadamente, mas não conseguia. A qualquer momento, tinha certeza de que ela iria escorregar e cair no chão.

E então eu ligaria para o serviço de emergência e explicaria aos paramédicos por que estávamos ali. Acabariamos em um hospital rural decrépito e, enquanto eu estivesse sentada no saguão esperando para saber se Bailey estava em coma ou não, alguns policiais locais apareceriam e me prenderiam por invasão de propriedade. Então, eu teria que ligar para os meus pais e explicar por que estava a 240 quilômetros de casa com uma garota com quem não falava havia anos e não na cabana com minhas amigas verdadeiras. Passaria a noite em uma cela fedendo a urina com alguma mulher maluca e bêbada e, de manhã, meus pais apareceriam para pagar minha fiança e me soltar. Eles descobririam o que eu tinha planejado. Eu perderia minha bolsa de estudos e teria de viver com meus pais como mãe solteira pelo resto da minha vida. O ponto alto de minha semana seria encontrar meus jantares congelados favoritos pela metade do preço no supermercado. O supermercado onde eu provavelmente trabalharia. E tudo porque Bailey quis escalar um estúpido elefante cor-de-rosa.

— É isso aí. Estou indo embora — disse, e comecei a voltar para o carro.

— Tchan-tchan-tchan-tchan!

Eu me virei e contive um suspiro. De algum modo, enquanto eu não estava prestando atenção, Bailey tinha conseguido chegar ao topo da estátua. Ela estava de pé sobre a cabeça do elefante, com as pernas abertas para se equilibrar. Bailey era uma silhueta negra contra um céu cinzento sem fim. Ela estava incrível.

— Suba aqui — Bailey pediu. Hesitei.

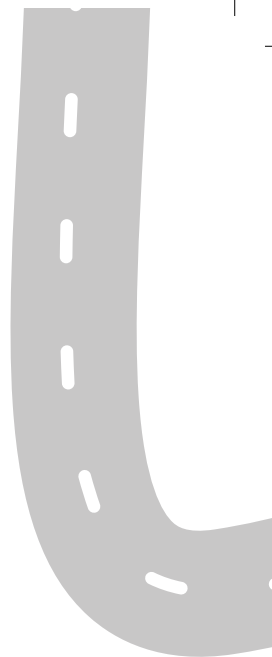
Bem acima de mim, com o vento desgrenhando seu cabelo, ela parecia pronta para uma aventura. Bailey parecia livre. Uma liberdade que eu nunca tinha sentido em toda a minha vida. Sobre mim havia muitas expectativas, muitas obrigações para me reprimir. Se eu escalasse a vaca ao lado do elefante, será que elas desapareceriam de repente? De pé sobre a cabeça da vaca, observando os campos e o céu ao meu redor, eu finalmente me sentiria livre?

Dei um passo em direção ao portão, triturando o cascalho sob os meus pés. Agarrei a cerca de arame com uma mão e senti o frio do metal.

— Droga! Nuvens estúpidas! Não vejo nada! — Bailey gritou.

Olhei para cima. Bailey estava pulando sobre o dorso do elefante, acenando para o céu.

276 Km



— Para com isso! Foi divertido. Demos boas risadas — Bailey disse, dando de ombros.

— Não foram risadas. Foi histeria — disse.

Sabia que não estava sendo racional, mas não pude evitar. E a atitude indiferente de Bailey só piorava as coisas.

— Ei, olhe. Também estou decepcionada. Você pulou fora. E, em vez de um céu cheio de estrelas, tudo o que consegui foram algumas nuvens e uma virilha ralada.

— Não estou nem aí para suas estrelas!

— Fomos meio ninjas lá, não fomos? Admita isso, vai! Eu correndo, escaldando e saltando. Você segurando a barra e enfiando a chave na ignição. Acho que eu principalmente é que fui a ninja. Mas, ainda assim, você não se divertiu? — Bailey disse, franzindo a testa, perplexa.

— Claro que n... — disse, mas me contive.

Será que eu não tinha me divertido? Afinal de contas, nós nos safamos. E Bailey, ao jogar as chaves para mim, tinha me feito sentir como a estrela de um filme de ação. Será que eu não sabia o que era diversão? Eu tinha dezessete anos. Tinha amigas e um namorado que até recentemente achava fantástico. Era bem popular. Preenchia todos os requisitos. Fiz tudo o que deveria no ensino médio. Devo ter me divertido.

Bailey mostrou seu celular para mim.

— Olhe, tirei uma selfie de nós.

A foto foi tirada do alto do elefante. Em primeiro plano, Bailey aparecia dando um sorriso largo, com o rosto embaçado por causa do flash. Muito abaixo, parecendo pequena e zangada, eu aparecia com os braços cruzados. Eu senti uma pontada no peito. Poderia ter estado ali no alto sorrindo ao lado de Bailey. Mas perdi aquele momento. Em vez disso, estava no chão, atormentada.

— Foto legal — murmurei.

Preocupada, Bailey franziu a testa ao ver algo no painel.

— Essa fera está quase sem gasolina. Precisamos parar para encher o tanque.

A ideia de logo parar de novo me desagradou, mas acabei meu celular.

— Parece que há um posto dentro de alguns quilômetros.

— Você acha que tem uma lanchonete?

— Não sei. Talvez.

— Ótimo, porque temos tipo 1.200 dólares em dinheiro que estou louca para gastar!

* * *

Pisquei sob as desagradáveis luzes fluorescentes e olhei ao redor. Bailey pegava uma infinidade de pacotes de batata frita, biscoitos e bolachas nos corredores da loja de conveniência do posto de gasolina, corria até a caixa registradora, despejava-os sobre o balcão e voltava para pegar mais coisas.

— Isso é desfrutar? — perguntei.

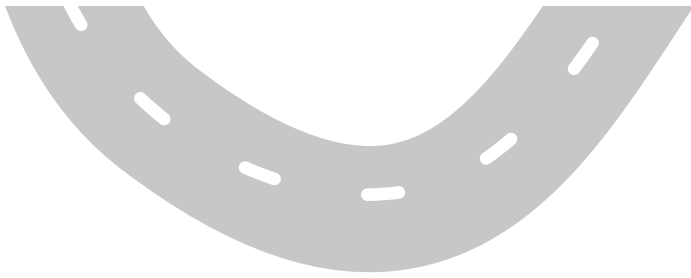
— Sou uma garota simples — ela respondeu, dando de ombros. Em seguida, acrescentou: — Ah! Salgadinhos!

Depois de pegar o máximo de saquinhos que era capaz de carregar, Bailey correu para o balcão novamente. A excitação trazida pela nossa fuga dos pastores-alemães, pela gritaria resultante do meu ódio em relação a Kevin e pelo confronto com ele na loja de penhores estava começando a cobrar seu preço. Minha cabeça começou a doer.

— Qual é, Bailey? Temos ainda mais de 1.320 quilômetros pela frente. Talvez devêssemos voltar para a estrada.

— Tudo bem. Só me deixe pegar mais uma coisa.

— Você comprou toda a loja. Vamos.



308 Km

— Não acredito! Estou salva! — Corri para o banheiro feminino; a vista momentaneamente ofuscada pela claridade das luzes. Bailey veio atrás. Entrei na cabine mais próxima e fechei a porta com força. — Essa é a melhor menstruação de todos os tempos! — disse, quase cantando enquanto abaixava minha calça.

— Ei, isso não vai interromper o fim de semana, não é? — Bailey perguntou do outro lado da porta da cabine. — Você disse que poderíamos ir para Roswell. Ainda quero ver alguns alienígenas.

— Ah, não — disse, olhando para minha calcinha com espanto.

— Você está bem? Precisa de uma esponja ou algo assim?

— Você deve estar brincando comigo!

— O quê?

Saí da cabine, caminhei até a pia, abri a torneira, peguei um punhado de toalhas de papel, molhei-as e comecei a me limpar.

— Foi a maldita raspadinha!

Sob a iluminação do banheiro ficou evidente. De algum modo, eu tinha conseguido derramar a bebida em mim, provavelmente enquanto Bailey estava dirigindo como uma louca para escapar da polícia. Com lágrimas nos olhos, esfreguei freneticamente o meu jeans. Encabulada, Bailey estava ao meu lado, sem saber o que fazer.

— Que pena — ela disse.

— Sim. Grávida, presa no meio do nada, com minha única calça com uma puta mancha de raspadinha e com uma criminosa como companhia — afirmei, contendo as lágrimas.

— Ah, por favor. Ainda estamos nisso?

— Sim, ainda estamos nisso!

Amassei as toalhas de papel, joguei-as na lata de lixo e saí do banheiro. Estava ensopada e minha calça ainda manchada de vermelho. Aquela noite não poderia ficar pior.

— Oi, amor.

Gritei ao ver Kevin. Ele estava parado sob a luz amarela de um poste próximo, segurando uma dúzia de rosas vermelhas. Bailey saiu do banheiro alguns passos atrás de mim e ficou paralisada.

Ela socou o ar com os dois braços novamente.

— Persegui... — Bailey começou a dizer, mas se calou quando puxei seus braços para baixo com força.

— Ele está entre nós e o carro — balbuciei. — O que nós vamos fazer?

— Então você voltou a usar o pronome “nós”? — Bailey disse, soando esperançosa.

— Você é irresponsável, impulsiva e criminosa. Mas neste momento também é minha única opção. Então, sim. Estou voltando a usar o pronome “nós”.

Bailey deu um sorriso largo e eu revirei os olhos, mostrando impaciência. Examinamos os arredores. A minivan de Kevin estava estacionada perto do El Camino, e ele estava na calçada que levava ao estacionamento. Era uma corrida de cerca de quinze metros dos banheiros até o carro.

— Só quero conversar, amor. Olhe, flores! — Kevin disse e acenou para mim, como se estivesse tentando convencer um cachorro a se aproximar para comer um petisco.

— Mesmo se chegarmos ao carro, ele vai nos seguir — Bailey murmurou.

— Como ele continua nos encontrando? — perguntei.

— Isso não é importante agora. Precisamos inutilizar o carro dele.

— Como? Não acredito que você ainda tenha aquele canivete com o nome de Bryant Armstrong gravado nele! Nós poderíamos cortar os pneus.

— Do que você está falando? — Bailey perguntou, olhando para mim, perplexa.

— Você não comprou um canivete e gravou o nome do quarterback nele? Porque ele deixou você puta ou algo assim?

— Ah, não. Não sou uma psicopata — Bailey respondeu e sorriu. — É isso que falam a meu respeito? Isso é muito foda.



833 Km

Acordei com um solavanco quando o carro desviou para o acostamento e voltou para a pista. Devo ter cochilado durante algum tempo depois de nossa última parada.

— Desculpe — Bailey disse, esfregando os olhos. — Acho que dormi por um segundo. Preciso de um café.

Com cuidado, coloquei-me de volta na posição vertical. Estava com o pescoço doendo por causa do jeito que dormi. Pisquei algumas vezes, tentando clarear as ideias.

— Você não bebeu três energéticos?

— Sim. Mas, para mim, fazer isso é normal numa sexta-feira.

Dediquei um momento para imaginar a aparência das entranhas corroídas de Bailey. Em seguida, consultei meu celular.

— Há uma cidade a pouco mais de 80 quilômetros daqui que tem um restaurante 24 horas.

— Hum. Panquecas.

— Não. Nada de panquecas. Só café. Para não dormir ao volante.

— Você é uma patroa cruel — Bailey disse, suspirando.

Em meu celular, percebi que havia uma série de mensagens de texto das garotas. Fotos de pilhas de comida. Uma foto tremida de uma TV com Ryan Gosling parecendo bastante perturbado com alguma coisa. Selfies sorridentes. Elas estavam se divertindo na cabana. Sem mim. Não esperava que elas se prostrassem de tristeza por eu não estar lá, mas, ao vê-las tão alegres, aquilo me magoou.